

# ANTROPOLOGIA E HISTÓRIA NA INTERLOCUÇÃO ENTRE O FEMININO E A LITERATURA<sup>1</sup>

Haydée Ribeiro Coelho  
UFMG

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mária de. *A lição do amigo* : contos de Mária de Andrade, anotados pelo destinatário. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982.
- BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Maisés. São Paulo: Cultrix, 1979.
- \_\_\_\_\_. Escrever a leitura. In: \_\_\_\_\_. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.40-42.
- \_\_\_\_\_. Da obra ao texto. In: \_\_\_\_\_. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.71-78.
- \_\_\_\_\_. *O grão da voz* : entrevistas 1962-1980. Trad. Tereso Meneses e Alexandre Melo. Lisboa: Edições 70, 1982.
- \_\_\_\_\_. *S/Z*. Trad. Mario de Santo Cruz e Ana Mafalda Leite. Lisboa: Edições 70, 1970.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise das contos de fadas* : Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BLOOM, Harold. *The anxiety of influence*. New York: Oxford University Press, 1973.
- FREUD, Sigmund. L'analyse avec fin et l'analyse sans fin. In: \_\_\_\_\_. *Résultats, idées, problèmes II*. Trad. Jean Laplanche. 2.ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1987b. p.231-268.
- \_\_\_\_\_. Constructions dans l'analyse. In: \_\_\_\_\_. *Résultats, idées, problèmes II*. Trad. Jean Laplanche. 2.ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1987c. p.269-281.
- \_\_\_\_\_. Le créateur littéraire et la fantaisie. In: \_\_\_\_\_. *L'inquiétante étrangeté, et autres essais*. Trad. Bertrand Féron. Paris: Gallimard, 1985a. p.29-46.
- \_\_\_\_\_. *L'interprétation des rêves*. Trad. I. Meyerson. 8.ed. rev. aum. Paris: Presses Universitaires de France, 1987a.
- \_\_\_\_\_. *La question de l'analyse profane*. Trad. Janine Altaunon. Paris: Gallimard, 1985b.
- \_\_\_\_\_. A propos de la psychanalyse dite sauvage. In: \_\_\_\_\_. *La technique psychanalytique*. Trad. Anne Berman. 8. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1985c. p.35-42.
- GANTHERET, François. *L'incertitude d'éras*. Paris: Gallimard, 1986.
- GRANGER, Gilles Gaston. *Lógica e filosofia das ciências*. São Paulo: Melhoramentos, 1955.
- LACAN, Jacques. Jeunesse de Gide ou la lettre et le désir. In: \_\_\_\_\_. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Logique du fantasme*, séminaire 1966-67. [s.n.t.]. 2t. (Inédita).
- \_\_\_\_\_. La psychanalyse et son enseignement. In: \_\_\_\_\_. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966. p.437-458.
- \_\_\_\_\_. *Le séminaire livre VII: L'éthique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Le séminaire livre XI: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1973.
- MAHONY, Patrick. *Sobre a definição do discurso de Freud*. Trad. Francisca I. P Bostos. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- NASIO, Juan David. *A criança magnífica da psicanálise* : o conceito de sujeito e objeto na teoria de Jacques Lacan. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- PERES, Ana Maria Clark. *O infantil na literatura: uma questão de estilo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1995. (Tese, Doutorado em Literatura Comparada.)
- PIGLIA, Ricardo. *Crítica y ficción*. Buenos Aires: Sigla Veinte, 1990.
- POMMIER, Gérard. *O desenlace de uma análise*. Trad. Cristino Rolla de Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- REGNAULT, François. Essos esquisitices abundantes nas textos psicanalíticos. In: MILLER, Gérard (Org.). *Lacan*. Trad. Luiz Farbes. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989.

## RESUMO:

*Esse trabalho tem como objetivo focar a crítica do feminino pela Antropologia e pela História, para evidenciar o diálogo entre o discurso teórico contemporâneo dessas disciplinas e a representação da mulher na literatura.*

## PALAVRAS-CHAVE:

*Crítica, Feminino, Antropologia, História.*

A idéia desse estudo originou-se de uma disciplina, ministrada por mim e por Angela Freitas Senra aos alunos da Pós-Graduação (FALE - UFMG), no primeiro semestre de 1995, intitulada Literatura, História e Antropologia. Nesse curso, a memória teceu o fio que permitiu a interlocução entre os vários discursos. Particularmente, no enfoque entre a Literatura e a Antropologia, privilegiei o tema da viagem e da memória, com base em *Tristes trópicos* de Lévi Strauss, abordado tanto como texto antropológico quanto como literário. A professora Angela Senra destacou a ego-história “como tomada de consciência de que a história que cada um faz é tributária de sua própria história e da relação que teve com sua época”<sup>2</sup>.

O interesse pela Antropologia e pela História e a afinidade existente

1. Esse trabalho foi apresentado originalmente no XI Encontro Nacional da ANPOLL, em 03-06-96, no GT A mulher na Literatura.

2. Cf. MOREIRA LEITE, 1994.

entre nossos trabalhos sobre a mulher na Literatura abriram um caminho para pensarmos em um estudo a ser desenvolvido de forma coletiva. Assim, a crítica do feminino pela Antropologia e pela História, através do diálogo com a Literatura, nos pareceu instigante, uma vez que o próprio desenvolvimento da crítica literária atual tem-se caracterizado pela interdisciplinaridade.

Alguns dos periódicos nacionais e estrangeiros (eventualmente), publicados nos anos 80 e 90, nas áreas de Antropologia e de História, serviram de fonte para a elaboração de nossas pesquisas sobre a mulher. No entanto, o levantamento de dados e o desenvolvimento do trabalho foram realizados de maneira isolada. Nesse sentido, esse trabalho tornou-se uma peça individual, constituindo-se também como ponto de partida para uma pesquisa em desenvolvimento.

Nesse primeiro momento, foram consultados alguns periódicos e publicações nacionais e um periódico estrangeiro, sem que se concretizasse um mapeamento de publicações ligadas aos diferentes núcleos de estudos da mulher, existentes no país. A necessidade de compreensão das tendências atuais nessas áreas implicou a consulta a alguns textos publicados fora dos periódicos. Em termos gerais, a discussão do feminino hoje insere-se no questionamento dos paradigmas teóricos das disciplinas que enfocam tal aspecto.

Para o estudo do gênero, sob a perspectiva antropológica, parto do texto de Lia Zanotta Machado “Campo intelectual e feminismo: Alteridade e subjetividade nos estudos de gênero”. A autora evidencia que “os movimentos feministas dos anos 70 ao final dos anos oitenta perderam em parte a sua dinamicidade ‘enquanto movimento social’ mas se constituíram no grande elemento forjador da emergência ‘do campo intelectual de estudos de gênero, de sexo social ou de estudos de mulheres’ com graus diferentes de legitimação e institucionalização disciplinar e interdisciplinar”<sup>3</sup>. Esse campo intelectual particulariza-se pela reflexão teórica e política sobre os saberes científicos oriundos do movimento social.

No enfoque do gênero, a autora estabelece uma comparação entre os campos de estudo da França, dos Estados Unidos e do Brasil. A perspectiva desconstrutora trazida pelas contribuições de Jacques Derrida é difundida na França pelo pensamento da Filosofia, da Psicanálise e das Letras. O pensamento desconstrutor de Derrida e a crítica pós-modernista surgem na Antropologia americana interpretativa, oriunda de uma tradição culturalista.

---

3. MACHADO, 1994. p. 4.

O campo interdisciplinar em que a autora se move, leva-a a focar as questões da dominação e da subjetividade sob a perspectiva da Sociologia, da História e da Antropologia. Consta a existência de um pensamento do feminismo radical igualitarista que enfatizou o patriarcalismo da dominação de classe e da opressão das mulheres. O caminho da reflexão sobre o feminismo em relação à subjetividade é feito pela antropóloga através da categoria da alteridade.

Sem passar pelas discussões teóricas sobre o conceito da diferença até chegar à questão da alteridade, cabe-me salientar que, para a autora, a alteridade não remete a qualquer essência, mas sim à instauração mesma da relação. Entre dois há identidade, mas sempre em historicidade. Nesse caso, propõe repensar a idéia das relações de alteridade como forma de contribuir para o entendimento das relações de dominação de gênero que não são nem concretizadas de maneira eterna e nem estabelecidas só pela diferença de sexos.

Lia Zanotta Machado aproxima sua posição teórica àquela dos olhares situados de Jacques Rancière. Trata-se, na perspectiva feminista, da construção do objeto a partir de um olhar situado: situado através de um “olhar de mulher”, “de olhares de múltiplas mulheres”, nas suas diferenças de raça, cultura e opção sexual, a partir do “olhar feminino” ou a partir dos “múltiplos olhares femininos”.

O trabalho da antropóloga sobre a questão do gênero propõe uma articulação entre as idéias de dominação e de alteridade para refletir sobre a dupla leitura das diferenças sociais no Brasil e das diferenças de gênero. A idéia de igualdade nesse sentido não está colada a uma identidade uniforme. Esse texto, datado de 1994, remete-nos a outro da mesma autora “Feminismo, Academia e Interdisciplinaridade” (1992)<sup>4</sup>.

Tratando das contribuições antropológicas à problemática do gênero, evidencia que a Antropologia feminista, representada pelos autores MacCormack e Strathern (1980), na investigação do relacionamento entre natureza e cultura, masculino e feminino, entende que esse não é universal, mas que se constitui como a transposição do pensamento ocidental que já contém e produz todas as metáforas.

Ao mostrar que há uma divisão teórica na Antropologia Feminista, ressalta que Gayle Rubin (1975) fala da universalização da opressão do sexo/gênero; Ortner (1974) e Ortner e Whitehead (1981) e Rosaldo e Lamphère (1974)

---

4. Idem in COSTA, BRUSCHINI, 1992.

propõem a universalização, não da opressão, mas da assimetria do poder. Com base na Antropologia feminista de MacCormack e Strathern (1980), Lia Zanotta Machado ressalta que há uma variedade de poderes e prestígio e as posições dos gêneros podem se distribuir diversamente.

No artigo “Fazendo gênero? A Antropologia da mulher no Brasil”<sup>5</sup>, Maria Luiza Heilborn, considerando a especificidade da Antropologia, baseada no trabalho de campo e na possibilidade de a narrativa se dar sob o ponto de vista do nativo, reconhece que a reavaliação da percepção do lugar da mulher como objeto e sujeito de pesquisa está em consonância com o movimento interno do campo antropológico. Depois dessas colocações, a antropóloga retoma autores que enfocaram o gênero do ponto de vista da Antropologia e prossegue seu trabalho com um mapeamento de pesquisas sobre mulheres, desenvolvidas no campo antropológico.

Em outro ensaio, a autora retoma a questão do gênero em Antropologia e, desse texto, quero reter a perspectiva cultural trazida por ela, com base na desnaturalização das categorias homem e mulher. Maria Luiza Heilborn afirma: “Status e papéis masculino e feminino são, portanto, independentes do sexo: é a fecundidade feminina ou a sua ausência que cria a linha de demarcação.”<sup>6</sup>. Em outra passagem, ela comenta: “E quando fala em identidades socialmente construídas, o discurso antropológico está enfatizando a perspectiva relacional e sistêmica que domina o jogo de construção de papéis e identidades para ambos os sexos”<sup>7</sup>.

Essa preocupação de “desnaturalizar” categorias, encontrei-a também no artigo de Mireya Suárez, intitulado “Desconstrução das categorias ‘mulher’ e ‘negro’”<sup>8</sup>. A ensaísta, a partir de Henrietta L. Moore, evidencia como é difícil equacionar o feminismo com o princípio antropológico de entender o outro com base em sua perspectiva, tendo em vista a identificação genérica da categoria sociológica da mulher.

Embora o professor Roberto Cardoso de Oliveira não trate da questão do gênero no seu texto “O movimento dos conceitos na Antropologia”<sup>9</sup>, constata que certos conceitos antropológicos, vindos de outros contextos fora da América

Latina, sofreram transformações em consonância com as novas realidades. Esse aspecto pareceu-me apresentado de forma muito nítida nos textos das autoras mencionadas nesse estudo.

Quando Lia Machado Zanotta fala de olhares situados, reivindica um olhar histórico para a questão do gênero. Nesse caso, a abordagem antropológica se complementa com o enfoque histórico e vice-versa. Essa necessidade de relacionar a Antropologia à História fica clara na observação de Peter Burke: “a história social e cultural parecem estar se dissolvendo uma na outra. Alguns profissionais diferem-se como ‘novos’ historiadores culturais, outros como historiadores ‘socioculturais’. Seja como for, o impacto do relativismo cultural sobre o escrito histórico parece inevitável”<sup>10</sup>. Com base nessas considerações, passo a focar os estudos sobre a mulher numa perspectiva histórica.

Em “Construyendo la Historia de la Mujer em America Latina: hacia la consolidación de una historia integral de género”<sup>11</sup>, Virginia Mora Carvajal ressalta que o impacto dos processos de modernização sobre o setor feminino e a incorporação da mulher ao mercado de trabalho (aspectos aprofundados na década de 80), juntamente com a influência das novas tendências na disciplina histórica (com o surgimento da chamada “Nova História Social”), mudaram o estudo da História das mulheres. Na América Latina, esse estudo tem sua especificidade se se o compara com os rumos tomados por aqueles trabalhos desenvolvidos nos Estados Unidos em que o “racismo” e o “sexismo” estão unidos em suas lutas e reivindicações.

A partir do estudo de Marysa Navarro, a autora atesta que a crescente pobreza, o analfabetismo, o desemprego, a exploração e o predomínio dos regimes militares que atentam contra as liberdades civis e que afetam as grandes maiorias latino-americanas ocupam os interesses dos investigadores. Esse quadro, segundo ela, contribui, além de outros fatores, para explicar o lugar marginal que até décadas recentes ocupavam os estudos sobre a discriminação do gênero na América Latina.

No desenrolar do seu artigo, Virginia Mora Carvajal mostra que a pesquisa sobre a mulher, no que tange à distribuição espacial na América Latina, concentra-se no Brasil, na Argentina e no México. Destaca também algumas tendências e temas predominantes na abordagem dos gêneros sob a perspectiva histórica.

---

5. HEILBORN in *idem*.

6. HEILBORN in HOLLANDA, 1992. p. 44.

7. *Ibidem*. p. 41.

8. SUÁREZ, 1992.

9. OLIVEIRA, 1994.

---

10. BURKE, 1992. p. 24.

11. CARVAJAL, 1994.

A primeira tendência está vinculada à história tradicional, positivista e liberal, centrada na vida das chamadas 'mulheres notáveis'. Baseia-se nas biografias daquelas mulheres consideradas socialmente excepcionais: Indira Gandhi, Margaret Thatcher, Simone de Beauvoir, Eva Peron, etc.

A crítica que se faz a essa tendência decorre do fato de a experiência dessas mulheres, "além de ser tomada como representativa da coletividade feminina, é totalmente separada de seu contexto histórico e não se insere dentro do conjunto das relações de que faz parte"<sup>12</sup>. Essa tendência reporta-se à história contributiva, destacando-se o fato de a política, a economia e a cultura serem tidos como campos de atuação, quase exclusivamente masculinos.

Conforme ainda a autora, embora essa tendência tenha perdido a credibilidade nos últimos anos, não deixa de existir sobretudo em países onde a história da mulher permanece como um campo a ser explorado e desenvolvido.

Nos meados dos anos 70, o estudo histórico sobre as mulheres se deslocou das mulheres notáveis para a experiência quotidiana. Têm destaque os temas do matrimônio, da família, a participação econômica da mulher trabalhadora e os valores sociais e culturais atribuídos à condição feminina. Essa mudança de enfoque permitiu o reconhecimento étnico diante da existência de mulheres indígenas, negras e mestiças nas sociedades latino-americanas. O fator classe passou a ser também incorporado a esses estudos. Essas novas perspectivas dos estudos históricos desenvolveram-se com maior força durante a década de 1980.

Dentre os vários questionamentos que a ensaísta destaca, no final do seu texto, relevo aquele em que indaga sobre a construção da identidade feminina. A meu ver, esse texto de Virginia Mora Carvajal remete-nos a outro, ao de Maria Odila Leite da Silva Dias, que trata do gênero sob a perspectiva da "Hermenêutica do quotidiano"<sup>13</sup>.

*Quotidiano e poder*, publicado em 1984 e reeditado em 1995, permite "reavaliar o político no campo da história social do dia-a-dia"<sup>14</sup>. Logo na introdução do livro, a autora delimita seu objeto de trabalho: "mulheres das classes oprimidas, livres, escravas e forras, no processo de urbanização incipiente da cidade de São Paulo, entre fins do século XVIII e às vésperas da Abolição"<sup>15</sup>.

12. *Ibidem*. p. 115. (A tradução foi feita por mim.)

13. DIAS in COSTA, BRUSCHINI, 1992.

14. DIAS, 1995. p. 15.

15. *Ibidem*.

No intuito de recuperar as fontes da História de "mulheres sem História"<sup>16</sup>, Maria Odila Leite da Silva Dias realiza uma pesquisa de escavação, construindo "uma história do implícito resgatada das entrelinhas dos documentos, beirando o impossível de uma história sem fontes ...."<sup>17</sup>.

Para tratar desse lado não oficial da História, as fontes consultadas por elas foram inúmeras: processos policiais da cidade, registros da Câmara Municipal, contos populares e testemunhas literárias. A autora explicita como alguns historiadores foram incapazes de tratar da participação das mulheres no processo de formação da sociedade brasileira. Assim, Paulo Prado, em *Retrato do Brasil* refere-se às índias "como as simples máquinas de gozo e trabalho no agreste gineceu colonial" e Gilberto Freyre, estudioso dos costumes e do quotidiano, vê a mulher branca como uma 'serva do homem branco e boneca de carne do marido'<sup>18</sup>. O filão histórico e crítico do texto de Maria Odila da Silva Dias retoma, de certa forma, o caminho trilhado por Ecléa Bosi em *Memória e sociedade*.

No artigo "História das mulheres", Miriam Lifichitz Moreira Leite salienta como "A história das mulheres usufruiu e contribuiu para as transformações da História Nova"<sup>19</sup>. Esse estudo reporta-se aquele de Joan Scott, intitulado "História das mulheres"<sup>20</sup>, ensaio desenvolvido em três partes: "Profissionalismo versus política", "História versus ideologia" e "Política versus teoria".

Na primeira parte, focaliza o feminismo nos Estados Unidos, o desenvolvimento dos estudos realizados nesse campo, a partir dos anos 60. São questionadas a constituição da História e as condições de produção de seu desenvolvimento. Na segunda parte, com base na lógica contraditória do suplemento, Joan Scott salienta a ambigüidade da história das mulheres que desafia e desestabiliza as premissas disciplinares estabelecidas, mas sem oferecer uma síntese ou uma resolução fácil.

A presença das mulheres na História corresponde a ir contra as definições de História consideradas como verdadeiras. Colocando em questão o relacionamento entre os historiadores e os sujeitos sobre os quais ele/ela

16. Refiro-me ao artigo "Mulheres sem história" in DIAS, 1983.

17. DIAS, 1995. p. 17.

18. *Ibidem*.

19. MOREIRA LEITE. Op. cit.

20. SCOTT in BURKE (org.), 1992. p. 63-95.

escreve, reporta-se às considerações de De Certeau para quem a história das mulheres traz à luz as questões de domínio e de subjetividade sobre as quais as normas disciplinares são edificadas.

Essa reivindicação de uma “história das mulheres” no campo disciplinar da História não se construiu sem conflitos. Joan Scott insere estrategicamente a história das mulheres no campo da história social. Nesse âmbito, novas reconceituações foram necessárias. Nesse sentido, a partir dos anos 80, a categoria de gênero, “usada primeiro para analisar as diferenças entre os sexos, foi estendida à questão das diferenças dentro da diferença”<sup>21</sup>. A raça, a etnia, a classe, a sexualidade encontram-se associadas às diferenças políticas no interior do movimento das mulheres. Assim, a história da mulheres concretiza-se como um campo inevitavelmente político. Essa compreensão remete-nos ao texto de Miriam Leite que constata mais avanços nos trabalhos das feministas militantes que nos estudos sobre a mulher.

Algumas colocações feitas aqui, oriundas sobretudo do enfoque dos periódicos nacionais, apontam para algumas reflexões mais gerais sobre o problema do gênero visto tanto pela Antropologia como pela História. Cabe-me agora mostrar como esses textos dessas áreas estão acenando para o estudo da Literatura.

Em “Usos e abusos da categoria de gênero”, a autora Maria Luiza Heilborn termina seu ensaio, procurando “dar uma deixa à literatura, ou melhor, à sua análise”<sup>22</sup>. Ao citar dois textos que tratam da questão da sedução na Literatura, atenta para o fato de que o código de gênero vai muito além da relação entre os sexos e que a noção de gênero é um elemento constitutivo da razão simbólica. Se, por um lado, a antropóloga introduz na discussão um ponto importantíssimo para a compreensão do gênero (a perspectiva relacional e sistêmica na construção de papéis e de identidades), por outro lado, acho que não se trata de “dar uma deixa à Literatura” e sim de se pensar em um diálogo mais estreito entre os discursos literário e antropológico, especialmente no que se refere à questão do gênero.

Apesar de parte dos antropólogos terem restrições à Pós-Modernidade em Antropologia, principalmente no que se refere ao fato de essa tendência ficar presa à textualidade dos textos antropológicos<sup>23</sup>, acredito que essas novas

21. *Ibidem.* p. 87.

22. HEILBORN, 1992. p. 43.

23. Cf. CALDEIRA, 1988.

abordagens possam contribuir para o estudo da mulher na Antropologia e na Literatura. Na medida em que essas tendências da Antropologia não se voltam para o discurso sobre o outro, mas para o diálogo com o outro, fornecem uma base reflexiva importante para o estudo da mulher na Antropologia.

Partindo do fato de que a Etnologia mantém com a viagem uma relação complexa, como mostra François Laplantine<sup>24</sup> e que a obra literária pode ser abordada como fonte etnográfica (segundo Roberto da Matta)<sup>25</sup>, torna-se importante refletir sobre os textos antropológicos e históricos que têm focado a mulher no relato dos viajantes. Nesse sentido, Tânia Quintaneiro<sup>26</sup> apresenta um estudo bastante interessante. O desenvolvimento desses trabalhos implica a necessidade de aprofundamento interdisciplinar o que não significa utilizar a literatura como peça etnográfica.

No que tange à relação entre Literatura e História, Miriam Lifichitz Moreira Leite observa que “os estudos literários, após 1970, têm contribuído com novas fontes históricas, onde é possível encontrar elementos e condições para um conhecimento mais profundo das relações de gênero, incorporando a crítica feminista interessada na mulher leitora, na mulher escritora e nas relações sociais que perpassam o processo histórico, após identificar as deformações decorrentes da crítica masculina”<sup>27</sup>. É interessante ressaltar também que a historiadora noticia, em seu ensaio, a existência, na Fundação Carlos Chagas, de um levantamento e de análise dos livros de 153 viajantes. Esse material constitui um corpo documental importante sobre as mulheres no Brasil, no século XIX. Foram encontrados também 17 livros de mulheres viajantes, documentos fundamentais para o conhecimento da condição da mulher escritora.

Na interlocução entre História e Antropologia, no capítulo intitulado “Etno-grafia, a oralidade ou espaço do outro: Lery”<sup>28</sup>, Michel De Certeau, partindo da afirmação de Lévi Strauss de que a Etnologia se interessa pelo que não está escrito e que a História trata de textos escritos, ao fazer análise do texto de Jean de Léry — *História de uma viagem feita na terra do Brasil, 1578* —, evidencia como a escrita institui uma relação de poder. No que tange à nudez e a voz selvagens produz uma ética e realiza uma operação que faz da sociedade selvagem um corpo de festa e um objeto de prazer.

24. LAPLANTINE, 1993.

25. DA MATTA, 1993.

26. QUINTANEIRO, 1995.

27. MOREIRA LEITE. Op. cit. p. 58.

28. DE CERTAU, s/d. p. 211-242.

Ora, essas questões colocadas por Michel De Certeau abrem um filão tanto para se refletir sobre a Antropologia como sobre a História. Nesse diálogo entre História e Antropologia, cabe-me também fazer referência ao trabalho de Ronald Raminelli “Mulheres canibais”<sup>29</sup>. Ao partir de imagens pictóricas européias sobre o canibalismo, mostra como essas passaram a ser incorporadas aos relatos de viajantes. Fixando-se em um primeiro momento nos ameríndios figurados por Albert Eckhout entre 1641 e 1643, procura indagar qual seria a razão para esse pintor representar uma alegoria bélica e indícios de antropofagia juntos a uma mulher. Analisando também as imagens pictóricas sobre as mulheres índias representadas por Theodor de Bry, Ronald Raminelli conclui que a recorrência das mulheres nos festins canibais de De Bry constitui uma forma de materialização discursiva de uma visão do mundo.

O estudo do gênero, numa perspectiva mais política e crítica, é reivindicado tanto pela Antropologia como pela História. Esse diálogo permanente com a Literatura, sob um enfoque crítico, político e interdisciplinar, pode ser exemplificado com o texto de Jean Franco, “Rumo ao público/ Repovoando o privado”<sup>30</sup>, cujo trabalho faz um movimento interessante. Ressalta como as mulheres da Plaza de Mayo como mulheres e como mães de não-cidadãos reivindicaram a ‘polis’ e como são importantes os depoimentos na passagem da esfera privada para a pública. Esse caminho histórico-cultural é mostrado também através da Literatura. No caso de Clarice Lispector, Jean Franco explica que a escritora se apropria da esfera privada para transformá-la em espaço poético.

Minha passagem pela reflexão sobre o gênero através de uma perspectiva histórico-antropológica e a interlocução entre os vários saberes não se esgotam aqui, devido à abrangência do tema e à necessidade de um trabalho mais sistemático.

Dando continuidade a essa pesquisa, pretendo: mapear os periódicos, referentes aos estudos sobre a mulher nas áreas de Antropologia e de História; refletir, de maneira sistemática, sobre as contribuições da Antropologia e da História para os estudos da mulher na Literatura e colocar em evidência a interlocução entre a crítica estrangeira e a crítica nacional, através dos estudos de Literatura Comparada.

29. RAMINELLI, 1994.

30. In HOLLANDA. Op. cit. p. 11-17.

Um aprofundamento mais intenso entre Literatura, História e Antropologia nos estudos da mulher na Literatura torna-se necessário, para que a interdisciplinaridade não seja apenas uma figura de retórica em nossos discursos.

## RÉSUMÉ:

*Ce travail a pour but envisager la critique du féminin par l'Antropologie et par l'Histoire, pour mettre en évidence le discours théorique contemporain de ces disciplines et la représentation de la femme dans la littérature.*

## MOTS-CLÉS:

*Critique, Féminin, Antropologie, Histoire.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história*. 2. e. São Paulo: UNESP, 1992.
- CALDEIRA, Teresa do Rio. A presença do autor e o pós-modernidade em Antropologia. In: *Novos Estudos*, São Paulo, CEBRAP, n. 21, jul. 1988.
- CARVAJAL, Virginia Mora. Construendo la historia de la mujer en America Latina: hacia la consolidación de una historia integral de género. In *Revista de Ciencias Sociales - Mujeres y sociedad: estudios recientes*, Costa Rica, n. 65, set. 1994.
- DA MATTA, Roberto. *Canta de mentiraso*: sete ensaios de antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- DE CERTEAU, Michel. *A escrita da história*: Rio de Janeiro: Forense-Universitária, s/d.
- DIAS, Maria Odila da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. 2. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- \_\_\_\_\_. Teoria e métodos dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. In COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Org.). *Uma questão de gêneros*. Rio de Janeiro: Roso dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- \_\_\_\_\_. Mulheres sem história. In *Revista de História*; São Paulo, FFLCH/USP, n. 114, jan.-jun. 1983.
- HEILBORN, Maria Luiza. Fazendo gênero? A antropologia da mulher no Brasil. In COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Org.). Op. cit.
- \_\_\_\_\_. Usos e abusos do categorio gênero. In HOLLANDA, Heloisa Buorque de. *Y nasotras latinoamericanas?* São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1992.
- LAPLANTINE, François. *Aprender antropologia*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- MACHADO, Lia Zanotta. Feminismo, academia e interdisciplinaridade. In COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Org.). Op. cit.
- \_\_\_\_\_. Campo intelectual e feminismo: alteridade e subjetividade nos estudos de gênero. In *Série Antropológica*, Brasília, n. 170, 1994.
- MOREIRA LEITE, Miriam Lifchitz. História das mulheres. In: *Revista USP*, São Paulo, USP, n. 23, set.-out.-nov. 1994.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O movimento dos conceitos na Antropologia. In: *Revista de Antropologia*, São Paulo, FFLCH/USP, v. 36, 1994.
- QUINTANEIRO, Tânia. *Retratos de mulher: o cotidiano feminino sob o olhar dos viajeros do século XIX*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- RAMINELLI, Ronald. *Mulheres canibais*. In: *Revista USP*, São Paulo, USP, n. 23, set.-out.-nov. 1994.
- SCOTT, Joan. História das mulheres. In BURKE, Peter (Org.). Op. cit.